

# A VOZ DE GRUPOS PERIFÉRICOS EM BELÉM: AUTORREPRESENTAÇÃO, MÍDIA E DISPUTA DE SENTIDOS<sup>1</sup>

*The voice of peripheral groups in Belém: self-representation, media and sense dispute*

*La voz de grupos periféricos en Belém: auto representación, medios y disputa de sentidos*

## Rosaly de Seixas Brito

Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA).

## Rosane Maria Albino Steinbrenner

Professora adjunta da Faculdade de Comunicação (FACOM/UFPA)

E-mail: nani.steinbrenner@gmail.com

## Elaide Martins da Cunha -

Docente na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará

## Resumo

Partindo do movimento “#Belém 400 anos sob o olhar do gueto: a periferia atenta”, protagonizado por atores sociais de bairros periféricos da cidade, o artigo discute a recusa, por parte desses atores, de imagens estigmatizantes disseminadas pela mídia em torno deles e dos lugares onde vivem. Os dados colhidos pela pesquisa, aliada à ação de extensão, revelam uma permanente disputa entre as formas de autorrepresentação de sujeitos excluídos da ordem urbana e as representações midiáticas.

**Palavras-chave:** Autorrepresentação de grupos periféricos. Belém do Pará. Representações midiáticas. Disputa de sentidos.

## Abstract

Starting from the movement “#Belém 400 years under the ghetto’s gaze: the attentive periphery”, played by social actors from the city’s peripheral neighborhoods, the article discusses the refusal by these actors of stigmatizing images around them and the places where they live, disseminated by the media. The data collected by the research, together with an extension action, reveal a permanent dispute between the forms of the self-representation of subjects excluded from the urban order and the media representations.

**Keywords:** Self-representation of peripheral groups. Belém do Pará. Media representations. Sense dispute.

## Resumen

A partir del movimiento “# Belém 400 años bajo la mirada del gueto: la periferia atenta”, protagonizado por actores sociales de barrios periféricos de la ciudad, el artículo discute el rechazo, por parte de esos actores, de imágenes estigmatizantes diseminadas por los medios de comunicación en torno a ellos y de los lugares donde viven. Los datos recogidos por la investigación, aliada a la acción de extensión, revelan una permanente disputa entre las formas de auto representación de sujetos excluidos del orden urbano y las representaciones mediáticas.

**Palabras-clave:** Auto representación de grupos periféricos. Belém do Pará. Representaciones mediáticas. Disputa de sentidos.

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 2 – Comunicação e Sociedade Civil do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 10 a 12 de maio de 2017.

## Introdução

A cidade de Belém, capital do Estado do Pará, é o segundo maior centro urbano da Amazônia brasileira e, tal como ocorre com as demais metrópoles do país, é marcada por intensa fragmentação e segregação social e espacial, em que coexistem, em circuitos entrecruzados, porém muitas vezes apartados entre si, realidades díspares, na interseção de vários mundos, para usar a feliz imagem formulada por Simmel (1903/2005), ao referir-se à vida metropolitana. Nas cidades, esses *mundos* são atravessados por tensões e embates constantes em uma organização hierarquizada, com lugares sociais e simbólicos bem demarcados. Nelas, o indivíduo busca alcançar algum reconhecimento para fazer frente à anonimidade e às múltiplas formas de coação reinantes.

Contemporaneamente, essa fragmentação é compensada, apenas parcialmente, pela presença de redes de comunicação, que recobrem o espaço urbano, criam relativa conexão entre os seus habitantes e certa ilusão de totalidade. Não resta dúvida de que houve um intenso reordenamento, nas últimas décadas, dos usos da cidade. Em um duplo movimento, de acordo com Néstor Canclini (2002), ao mesmo tempo em que a cidade se fragmenta e que a sua unidade se debilita, a narrativa dos meios de comunicação cumpre o papel de recompô-la, de maneira a inserir todos os cidadãos em um mesmo fluxo de informações e quadro de referências. As narrativas midiáticas instituíram novas formas de se imaginar as cidades e o mundo, e de cada indivíduo imaginar-se a si mesmo como parte deles.

Contudo, elas estão longe de ser desinteressadas ou neutras. Ao mesmo tempo que informam, também modelam o imaginário urbano, reorientando as próprias formas de pertencer à cidade. Milton Santos (2010, p. 585) observa que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. Mas, a despeito de estar “irrecusavelmente imerso” nessa comunhão com o mundo, assinala o autor, cada lugar torna-se “exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade” (Santos, 2010, p. 585).

Interessa-nos indagar neste artigo, em diálogo com atores sociais do bairro da Terra Firme em Belém, como estes representam a si próprios e como veem as representações hegemônicas que circulam em torno deles, tecidas especialmente na enunciação midiática.

O trabalho tem por base uma ação que integra a pesquisa e a extensão, reunindo um conjunto de projetos da Faculdade de Comunicação da UFPA, sob o título #Ocupa Belém: Comunicação Coletiva, desenvolvida a partir de 2015, com o objetivo de estimular e facilitar o desenvolvimento de ações comunicativas contra-hegemônicas por parte das comunidades de bairros periféricos de Belém<sup>2</sup>. Revelou-se uma convergência de interesses, pois estava em curso a articulação do movimento #Belém 400 anos sob o olhar do gueto: a periferia atenta<sup>3</sup>, por parte de bairros do assim por eles chamado “arco periférico” da cidade, destinado a produzir, por ocasião da comemoração dos 400 anos da cidade, em 2016, imagens afirmativas da comunidade desses bairros, em contraponto ao fluxo hegemônico de imagens disseminadas pela mídia, que criminalizam a pobreza e estigmatizam os sujeitos sociais que vivem nas bordas da cidade<sup>4</sup>.

A pesquisa apoia-se em material colhido na observação empírica durante as ações de extensão e em entrevistas semiestruturadas com atores sociais dos bairros periféricos de Belém. O artigo divide-se em quatro tópicos. Em primeiro lugar, discute-se o significado da experiência urbana contemporânea, em que se entrelaçam e se opõem territorialidades e temporalidades diversas. No segundo tópico, busca-se situar o cenário urbano de Belém nesse contexto mais amplo e o bairro da Terra Firme em particular. O tópico seguinte destina-se a elucidar a maneira como atores sociais da Terra Firme constroem a sua autoimagem, confrontando-a

1 Bairro muito populoso, pertencente ao chamado arco periférico de Belém, o qual é integrado por nove bairros. Seu perfil é apresentado mais detalhadamente no segundo tópico deste artigo.

2 Com oficinas, rodas de diálogo, mostras e exposições, o projeto visa estimular a comunidade a protagonizar práticas comunicativas para a cidadania, capazes de gerar narrativas que afirmem sua identidade social. As autoras deste artigo coordenam três dos projetos de extensão da Facom de forma integrada.

3 Ou, simplesmente, #Gueto 400, como é mais comumente referido pelos integrantes do movimento.

4 Em vista disso, não só as ações propostas foram muito bem acolhidas, como também a faculdade passou a contribuir com o movimento, extrapolando a programação prevista inicialmente.

com aquelas produzidas de fora para dentro do bairro, notadamente pelo discurso midiático. Ao final, são apontados alguns eixos conclusivos principais que resultam da análise feita ao longo do texto.

### A cidade como campo de forças e disputas

*“A gente não quer bolo, a gente quer proposta, a gente quer .... que se mostre a realidade e não traga gente de fora para mostrar cultura, porque nós temos cultura”.* O tom contundente da fala de uma das integrantes do movimento #Gueto 400<sup>5</sup>, de recusa à comemoração oficial do aniversário de 400 anos de Belém, de que os moradores das áreas periféricas da cidade já se sabiam a priori excluídos, é muito significativo para traduzir os embates de todas as ordens que marcam a vida nas grandes cidades brasileiras atualmente, em que há um jogo de pertencimento e exclusão.

Uma linha imaginária separa os estabelecidos e os *outsiders* da ordem urbana, nos termos de Norbert Elias (2000). Os indivíduos pertencentes às duas categorias, universais em todas as sociedades humanas, estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência, a traduzir uma das principais formas de exercício do poder no mundo social. Esse desequilíbrio estrutural de posições no par estabelecidos-*outsiders* aplica-se a diversos níveis de desigualdade: entre classes, grupos étnicos, colonizadores e colonizados, homens e mulheres, pais e filhos, homossexuais e heterossexuais, dentre outros. A estigmatização aparece como um aspecto central dessa relação, associada, conforme Elias, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido.

*O estigma social que seus membros atribuem ao grupo dos outsiders transforma-se, em sua imaginação, num estigma material — é coisificado. Surge como uma coisa objetiva, implantada nos outsiders pela natureza ou pelos deuses. Dessa maneira, o grupo estigmatizador é eximido de qualquer responsabilidade: não fomos nós, implica essa fantasia, que estigmatizamos essas pessoas e sim as forças que criaram o mundo (Elias, 2000, p. 35).*

Por outras palavras, a fantasia coletiva opera por um mecanismo de naturalização da dominação, perpetuando a desigualdade. Isso não quer dizer, no entanto, que essas relações sejam imutáveis, pois sua configuração pode mudar ao longo da história, como ressalta o autor, na dinâmica própria da vida social. Enquanto permanecem intimidados, e por isso mesmo sob permanente tensão, os grupos *outsiders* “exercem pressões tácitas ou agem abertamente no sentido de reduzir os diferenciais de poder responsáveis por sua situação inferior, ao passo que os grupos estabelecidos fazem a mesma coisa em prol da preservação ou aumento desses diferenciais” (Elias, 2000, p. 37).

A relação entre estabelecidos e *outsiders*, muitas vezes tensionadas ao extremo, como refere Elias, é um dos aspectos, entre vários outros, que fazem com que a vida nas cidades contemporâneas se apresente como um campo de forças complexo, em um intenso dinamismo, que refaz constantemente os arranjos e cenários sociais, embora com uma tendência a fazer com que se perpetue, sobretudo nas metrópoles da periferia do capitalismo, como Belém, a desigualdade estrutural de fundo.

Em vista disso é que, para David Harvey, o direito à cidade não pode ser concebido como um direito individual. “Ele demanda um esforço coletivo e a formação de direitos políticos coletivos ao redor de solidariedades sociais” (Harvey, 2013, p. 32). A conquista desse direito tornou-se, porém, mais desafiadora em face das novas regras do jogo político instituídas pelo neoliberalismo. Nelas, a governança substituiu o governo, a lei e as parcerias público-privadas, criadas sem transparência, substituíram as instituições democráticas; a anarquia do mercado e do empreendedorismo competitivo substituíram as formas deliberativas baseadas em solidariedades sociais (Harvey, 2013, p. 32).

Em face desse “turbilhão” de interesses, é que Michel Agier considera que “as cidades deveriam ser os lugares estratégicos para pensar a cultura em termos de uma organização da diversidade” (2011, p. 33-34), pois constituem uma “fonte inesgotável de problemáticas híbridas e complexas” (p. 35). E o primeiro passo a ser dado pelo pesquisador ao se lançar nessa tarefa deveria ser, a seu ver, “se emancipar de qualquer definição normativa e *a priori* de cidade” (Agier, 2011, p. 35). A seu ver, o pesquisador tem que observá-la

<sup>5</sup> Ingrid Louzeiro, moradora da Terra Firme, em entrevista ao Projeto #Ocupa-Belém, em 08.10.2015.

não como uma abstração, mas a cidade vivida, sentida e em processo. É uma cidade situacional e relacional.

Tal é a postura que norteia este trabalho. A cidade que nos interessa observar, a partir de seus atores, é a cidade em movimento, dos tempos vividos. O foco do nosso olhar incide sobre o *lugar*, no sentido atribuído por Milton Santos (2010, p. 592). Este é o quadro de referência da vida cotidiana, em que as interações se dão em uma situação de co-presença, numa contiguidade espacial que favorece a comunhão entre as pessoas e em que a política se territorializa. Para ele, o lugar é “o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade” (Santos, 2010, p. 592).

Conforme o autor, o lugar se opõe a um espaço globalizado, desterritorializado, que a própria globalização imprime e o *não lugar* midiaticizado expande. No lugar, valoriza-se o que é específico da cultura e do cotidiano de certo grupo em dada localidade. Referência de existência e também de experiência de mobilização e resistência social.

As relações de proximidade possibilitadas pelo lugar favorecem um processo incessante de interação, uma experiência comunicacional que se processa de forma oposta à lógica das redes informacionais, fazendo com que se fortaleçam os laços sociais entre indivíduos que têm em comum os mesmos quadros de experiência. A densidade dessas interações pode levar a uma percepção mais holística da cidade. Uma compreensão de como se desenha o cenário urbano de Belém e do bairro da Terra Firme em particular, focalizados no próximo tópico, permite visualizar as singularidades da experiência urbana na segunda maior metrópole da Amazônia brasileira.

### Elementos do cenário urbano de Belém e da Terra Firme

As grandes cidades existem, na afirmação de Canclini (2002, p.40), “como espaço social e físico, ordem e desordem demográfica, mas também nas formas imaginadas todos os dias pela imprensa, o rádio e a televisão”. Os 400 anos de Belém, como marco temporal, se apresentou como momento revelador de disputas no campo discursivo entre visões antagônicas que se têm da periferia e dos grupos subalternos historicamente excluídos. O que se busca analisar neste ar-

tigo são os modos de dizer e viver que emanaram dos grupos periféricos como reação à moldura usual que do bairro tecem as representações midiáticas.

*O contexto do ano que antecede os 400 de Belém, em que o Governo Municipal investe em campanhas que exaltam uma imagem da cidade alegre, boa de se viver e silencia os problemas sociais, e a imprensa local transita entre uma imagem que espetaculariza as belezas e a cultura (identificada com o centro da capital) e outra que espetaculariza a violência e outros problemas sociais (identificada com as periferias), é um momento propício para a emergência de discursos diversos e muitas vezes conflitantes (Steinbrenner, Miranda e Silva Junior, 2015, p.2).*

Para entender as reações e a busca por autorrepresentatividade e protagonismo deste “lugar” periférico – “lugar” entendido como o local, geograficamente delimitado, entendido como bairro, vila, comunidade ou município, no qual a organização de atores sociais se articula em torno de interesses mais claramente identificáveis (Santos, 2007), apresenta-se a seguir, ainda que de forma sucinta, traços da origem e formação do bairro da Terra Firme, oficialmente chamado Montese, porém amplamente conhecido por seu batismo popular, seja pela consistência de alguns terrenos às margens de igarapés ou pela organização social e luta política que se deu pela ocupação da área.

O bairro da Terra Firme integra a chamada periferia direta da cidade de Belém, território que margeia como talvez nenhum outro as fronteiras, visíveis e invisíveis, da inclusão/exclusão de direitos que delimitam os espaços da geografia urbana da capital paraense. Como toda cidade, mais fortemente em países em desenvolvimento, deve ser vista como um “mosaico social” marcadamente segregador (Timms, 1971 citado por Santana, 2014), ou seja, a cidade se constitui por áreas distintas nas quais convivem diversos segmentos sociais que disputam o território, e quem possui maior poder, econômico e/ou político, ocupa os melhores espaços.

Pode-se dizer que Belém é, em si, uma cidade-mosaico em grande parte invisível e isolada. Segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o

município possui 1,4 milhão<sup>6</sup> de habitantes, 99,08% concentrados na área urbana, distribuídos em 71 bairros, numa área de cerca de 505 km, da qual um terço é formado por uma região continental e o restante por um conjunto de 39 ilhas, algumas sabidas, outras nem lembradas, inclusive pelo poder público.

As áreas periféricas onde residem os mais pobres<sup>7</sup>, resultado de uma forte concentração de renda, são também as mais populosas. O bairro da Terra Firme, localizado nas baixadas do Igarapé do Tucunduba, na porção sul da cidade, com aproximadamente 61 mil habitantes, é o sexto mais populoso da capital.

Até a década de 1960, a região de planícies inundáveis próximas ao Rio Guamá ficou à margem da expansão da malha urbana de Belém, tendência que se alterou nos anos de 1970, resultado de uma forte migração da população mais pobre, já marcada pela lógica da exclusão. Famílias expulsas de outras áreas da cidade pela valorização e expansão imobiliária, de outros municípios e mesmo de outros Estados, inicialmente atraídas pelas promessas das políticas de incentivo à colonização da Amazônia, iniciam a consolidação da ocupação e favelização do bairro (Ferreira, 1995 citado por Santana, 2014, p. 2582).

Já de início, destacam-se as condições de precariedade que até hoje marcam os bairros da baixada: áreas aterradas com caroços de açaí pela população que, muitas vezes, não tinha poder aquisitivo para comprar outros materiais para este fim, e as habitações construídas sob a forma de palafitas, cercadas pelo acúmulo de lixo e pelo esgoto a céu aberto (Santana, 2014).

Quase cinco décadas depois do início da ocupação da Terra Firme, o bairro que abriga uma população notadamente jovem – mais da metade são crianças ou jovens (56%) – é pleno de dinâmicas culturais – foram mapeados 90 coletivos de cultura no bairro<sup>8</sup> – em geral não visíveis além das fron-

teiras da exclusão, mas também farto de marcas da violência<sup>9</sup>, seja ela real ou potencializada pelas leituras e interpretações do discurso midiático.

### Representações e realidades cruzadas

Como já mencionado, a dinâmica das cidades é vista por Canclini (2002) em um duplo movimento, composto por fragmentação e recomposição, cujo processo conta com o papel fundamental das narrativas midiáticas. Ao tentar recompor a unidade da cidade, a mídia também constrói realidades sociais e imagens dos espaços urbanos, nem sempre condizentes com as realidades vividas. Quando se trata de um espaço periférico, por exemplo, o discurso midiático acaba resultando em estigmas. Durante a realização do projeto #OcupaTerraFirme, a percepção sobre essa dinâmica ficou muito nítida. Uma das lideranças do bairro e coordenador do coletivo Tela Firme, Francisco Batista<sup>10</sup>, em entrevista concedida ao projeto, diz que os estigmas alimentados pela mídia acabam demarcando os espaços periféricos das cidades e tipificando sua identidade: *“esse estigma que se tem das várias periferias .... é comum a todas, porque a periferia estabelece uma relação de identidade, mesmo com a particularidade de cada lugar, ela tem uma identidade, uma dinâmica de viver”*.

Percebemos, nesse depoimento, uma riqueza de sentidos que nos ajudam a compreender melhor as representações sobre a periferia construídas pela perspectiva de dentro para fora. Além disso, esses sentidos contribuem para a percepção sobre a identidade e a autoimagem dos moradores dessas áreas urbanas, no caso, construções permeadas pelo sentimento de pertença enquanto identificação do lugar que ocupam, como também da presença de modos de ser e de estar no tempo (Harris, 2008). Esses modos são compreendidos por Francisco como uma dinâmica própria de vida, em que

6 A população estimada em 2015, segundo contagem do IBGE, é de 1.439.561.

7 Segundo relatório da Caixa Econômica Federal (2003), 96,28% da população da Grande Belém absorvem 24,80% da renda, enquanto 3,72% da população absorvem 75,20%. Dados do Cadastro Único para Programas Sociais do governo federal (SAGI, 2015) indicam que 42,7% da população de Belém, o equivalente a 149 mil famílias, são pobres ou extremamente pobres, a maioria vivendo na periferia.

8 Dados levantados por uma cartografia colaborativa cultural da Terra Firme. In Cavalcante et. al. (2016).

9 Segundo o Mapa da Violência – Jovens do Brasil 2014, Belém está entre as dez capitais mais violentas do país, especialmente para sua juventude. Quanto à distribuição dos homicídios por bairros, os dados da Polícia Civil, de 2010, confirmam que os bairros periféricos, como a Terra Firme, são o palco principal da violência (Gusmão, 2014). Uma violência que vitimiza idade e cor, a exemplo da chacina de 4 de novembro de 2014, que espalhou o terror em seis bairros de Belém e deixou onze mortos. Todos eram negros e nove tinham entre 16 e 27 anos, cinco moravam na Terra Firme e não tinham passagem pela polícia.

10 Entrevista gravada em vídeo, concedida ao Projeto #OcupaBelém no dia 07 de outubro de 2015, em Belém.

se dá a tradução da identidade do lugar em que vive. Tal concepção é compartilhada pela professora Lília Melo<sup>11</sup>, outra liderança do bairro que nos concedeu entrevista e integrante do Grupo de Ouro Nacional (GON): “Então a Terra Firme .... é plural, ela é uma mistura de muitas coisas, de muitas vozes, de muitos sentimentos, de muitas vivências, experiências”.

A representação de identidade percebida por essas lideranças nos remete ao já citado duplo movimento de fragmentação e recomposição apontado por Canclini (2002), no caso de uma região mais geral, a periferia, com suas áreas mais específicas, como Terra Firme e Cabanagem, bairros que sediaram as ações do #OcupaBelém e que podem ser observados como os fragmentos deste projeto, cujo objetivo principal era ‘promover uma ocupação cultural, comunicativa e coletiva de bairros periféricos de Belém, em parceria com as comunidades locais’.

Dentre suas ações, as rodas de conversa, palestras e as oficinas culturais abordaram temas pertinentes à realidade local, colocando em discussão possibilidades de transformação a partir do campo da comunicação, construindo-se contra-narrativas, por meio do uso, inclusive, de dispositivos móveis e plataformas de redes sociais digitais, como Whats’App, Facebook, Twitter, Instagram, dentre outras. A ideia é que o morador pudesse protagonizar sua própria realidade, narrando o cotidiano de sua comunidade e compartilhando a sua visão de mundo.

Nesse sentido, podemos destacar como ações desenvolvidas pelo #OcupaBelém: as oficinas de Repórter Cidadão, de Fotografia e de *Selffilm*, promovidas para estimular a comunidade a usar seus dispositivos para construir narrativas audiovisuais a fim de evidenciar novos olhares sobre o bairro e destacar sua realidade multifacetada; o grupo de discussão “Gueto 400” criado no primeiro semestre de 2015 no Facebook e que se mantém ativo até hoje com 1.044 membros; e as produções audiovisuais do coletivo Tela Firme, cujo programa homônimo é disponibilizado na fanpage do grupo e em seu canal no Youtube<sup>12</sup>, propondo-se como alternativa às mídias comerciais na abordagem de temas que

envolvem a comunidade. Este programa é coordenado por Francisco Batista, que atuou vivamente em parceria com a Facom nessas ações. Em se tratando da Terra Firme, Batista aponta, em sua entrevista, como elemento de identidade com as demais áreas periféricas a falta de atuação do poder público:

*O que é que liga, por exemplo, a Terra Firme às outras periferias é a ausência dos serviços públicos, é a falta mesmo de políticas para que as pessoas possam viver com dignidade, mas ao mesmo tempo estabelece uma relação de vida, de intensidade, de muita gente que ocupa esses lugares e que faz desses lugares o seu lugar, a melhor forma de viver.*

Essa percepção nos leva a retomar a concepção de Santos (2010) sobre o lugar ser o seu (do indivíduo) mundo, tendo as suas próprias especificidades. Ou seja, por mais que alguns bairros periféricos se identifiquem entre si por meio de algumas características (no caso, a falta de serviços públicos), cada um tem uma individualidade que se sobrepõe à globalidade. Dessa forma, sobre a Terra Firme, um elemento de identidade presente na percepção dos moradores refere-se ao sentimento de pertencer ao bairro enquanto seu lugar/mundo, estreitando os laços sociais entre eles. Esses laços identitários são reconhecidos pela professora Lília Melo (2015), que chama atenção para o comportamento dos jovens do bairro, cujo sentimento de pertencimento é oscilante, manifestando-se de acordo com a companhia e com o lugar em que os jovens se encontram:

E é interessante que, quando a gente está dentro e junto com os nossos, pelo menos é o que eu tenho percebido acerca dos adolescentes em si, é que eles gostam de ser da Terra Firme, eles se identificam como Terra Firme, mas quando eles estão sozinhos ou eles vão para o centro, ou quando eles se envolvem com outras pessoas que não são da periferia, eles se sentem retraídos, sem força. Eu acredito que isso passa por todos os bairros, por todas as pessoas de periferia, essa questão de não ter força quando está sozinho.

Retomando a ideia do duplo movimento, o depoimento da professora sugere a recomposição de uma identidade reforçada pela construção de uma imagem advinda da necessidade de reconhecimento. Pela sua perspectiva, podemos dizer que, sozinhos, os moradores seriam uma parte,

<sup>11</sup> Entrevista gravada em vídeo, concedida ao Projeto #OcupaBelém no dia 06 de outubro de 2015, em Belém.

<sup>12</sup> Sugerimos ver o programa de apresentação do Tela Firme, postado em 06/03/2014, com 2.326 visualizações, em: <https://www.youtube.com/watch?v=cafaR2HU8Qs>

um fragmento nesse processo, um fragmento debilitado pelo sentimento de contrariedade. Juntos, somam forças para se recompor e lutarem para obter visibilidade, serem reconhecidos como atores sociais. Essa é uma forma de resistência, aliás, apontada por Ingrid Louzeiro<sup>13</sup>, outra integrante do coletivo Tela Firme, como a característica principal de identidade desse bairro, constituindo-se como um forte instrumento para desconstruir “a imagem que os outros têm, que é uma imagem de senso comum, que é que só tem ladrão, só tem gente que não presta mesmo”.

Essa imagem pejorativa sustenta os estigmas sociais contra as periferias, produzidos e/ou sustentados pelas narrativas e discursos midiáticos. Em um trabalho enfocando como os *media* mobilizam e articulam discursos sobre adolescentes que cometem atos infracionais em momentos de latência, Cal e Santos (2015) debruçam-se sobre 426 textos, entre reportagens, notícias, notas, cartas do leitor e opinião, publicados em 2012 pelos dois principais jornais paraenses, *O Liberal* e *O Diário do Pará*. A análise indicou que 92,5% desses textos foram publicados na editoria de polícia e menos de 1% em política. Os autores ressaltam, ainda, que em apenas “1,8% das matérias falou-se de maneira geral sobre a necessidade de se garantir políticas públicas de saúde, lazer e educação para os jovens” (Cal e Santos, 2015, p. 147).

Para Cal e Santos (2015, p. 143), o fenômeno da violência como “categoria empírica de manifestação social .... foi transformado em produto, com amplo poder de venda no mercado de informação, e em objeto de consumo, fazendo com que a ‘realidade’ da violência passe a fazer parte do dia a dia, mesmo daqueles que nunca a confrontaram enquanto experiência de um processo vivido” (Porto, 2000, p. 193 citado por Cal e Santos, 2015, p. 143). Essa dupla transformação da violência (em produto ou em objeto de consumo) é constantemente reforçada pela mídia, recompondo as áreas periféricas enquanto espaços, exclusivamente, de violência e insegurança.

*O olhar do outro, o olhar de fora, sobre a Terra Firme é de ameaça. .... E eu acredito, assim, que essa imagem tem se propagado muito por conta de interesse de alguns poucos – e as pes-*

*soas acabam rotulando, estigmatizando, atribuindo piadinhas, chacotas que não são legais de se ouvir quando a gente está fora (do bairro). E aí acaba criando uma cultura das pessoas que estão crescendo e formando um juízo de valor de ter vergonha do lugar onde mora, ter vergonha de se reconhecer da Terra Firme.*

A crítica à imagem produzida de fora para dentro e recomposta negativamente pelas narrativas midiáticas, é fortalecida por jovens que se ressentem por não poder assumir sua própria identidade como moradores do bairro e o sentimento de pertencimento que daí deriva. Oscilando entre o pertencimento e a exclusão, sentem-se obrigados a negar o seu próprio lugar como forma de evitar problemas e restrições impostos pela sociedade, expostos a um tipo de violência simbólica que se tornou recorrente. Vinícius é um deles. Entrevistado por Brito (2014), ele conta que, durante uma seleção para emprego, por exemplo, passou a ser examinado dos pés à cabeça pelos avaliadores ao informar que morava na Terra Firme, tendo deixado de conseguir “emprego pelo simples fato de ser morador do bairro” (Brito, Cal & Costa, 2016). Em uma crítica contundente, o jovem desabafa: “a mídia não consegue mostrar o lado bom .... Então, o jovem que mora no bairro não presta, é ladrão”.

Como bem ressaltava Brito (2014, p. 1), a mídia é “responsável por articular e colocar em cena de modo hegemônico os sentidos que circulam na sociedade”, produzindo e reproduzindo “as diferenças sociais, raciais, étnicas, de gênero, geracionais” ..., de maneira a construir estereótipos e amplificar estigmas. Os moradores da Terra Firme entrevistados para esse trabalho demonstram ter clareza sobre o papel central da mídia na construção dessas representações sociais, daí sua tendência a reagir em uma perspectiva contra-hegemônica. Ao buscar construir imagens e representações das bordas da cidade, desenvolvem atividades alternativas de comunicação, apoiadas em movimentos sociais, culturais e artísticos locais, na intenção de gerar, pela ação comunicativa, reconhecimento identitário e possíveis reposicionamentos para além das fronteiras de exclusão da cidade. “No bairro tem arte, no bairro tem música, no bairro tem cultura”, ressaltava Ingrid referindo-se à possibilidade de divulgar essas atividades por meio de mídias alternativas, sobretudo mídias móveis e redes sociais, para construir uma imagem endógena do bairro, como se vê a seguir:

<sup>13</sup> Em entrevista concedida em 08 de outubro de 2015, já citada.

*é só através dos movimentos sociais, através dessas mídias alternativas que a gente pode estar desconstruindo e através do uso das redes sociais ...., porque a gente sabe que essa mídia que está posta hoje, ela não beneficia, ela não mostra o que a periferia está passando e está desconstruindo.*

Ao atuarem nesse sentido, os atores sociais da Terra Firme são hoje, concomitantemente, outsiders e conectados. Outsiders sociais da ordem vigente de uma cidade-mosaico segregadora, emblema do capitalismo tardio, mas conectados também pelas tecnologias, acessíveis nas periferias do mundo pela mesma lógica capitalista a partir do consumo em larga escala. Ao apropriarem-se dessas tecnologias para produzir e difundir seus próprios conteúdos e discursos, utilizando-se, como já dito, principalmente de mídias móveis e redes sociais, esses atores acabam ampliando as possibilidades de inverter a lógica da mídia hegemônica.

Desse modo, eles buscam ocupar o espaço midiático com pautas que ajudem a desconstruir o estigma de violência recorrentemente atribuído à Terra Firme, cooperando, significativamente, para a construção de uma nova imagem. “Por uma série de iniciativas de uma organização, de movimentos, acho que isso passa a mudar um pouco, a gente passa a ocupar os espaços também, tanto numa mídia comercial, quanto numa mídia alternativa, inclusive da própria academia também”, acrescenta Lília Melo em sua entrevista. Para ela, a partir da resistência dos movimentos sociais, o bairro pode passar a ser visto como um polo de cultura, arte e esporte e não somente como um lugar de violência: “Ainda tem isso, mas isso a gente está trabalhando e vamos superar com a nossa própria iniciativa – e mesmo com a ausência do poder público”. Mais do que um discurso de esperança de quem está inserido nas lutas sociais, essa iniciativa pode reverter a lógica da mídia dominante e busca renovar as formas de comunicar o seu lugar no mundo, como bem indicou Francisco: “A gente precisa gritar para manifestar a nossa existência, porque nós não temos os recursos materiais, mas nós temos força, temos a vontade e a necessidade de acreditar que outro mundo é possível”.

### Notas (in)conclusivas

Se é fato que os meios de comunicação, as mídias de massa, “imaginam” as cidades e criam quadros de referência para seus moradores pensarem a cidade em que vivem, esta-

belecendo linhas imaginárias que separam os estabelecidos dos outsiders, como se discutiu ao longo do artigo, também é verdade que esse imaginário urbano não se impõe sem fraturas, pois não é capaz de substituir a cidade vivida e em processo. Dessa outra cidade posta à margem, ecoam vozes do inconformismo, movidas pelo desejo de expansão de um espaço de liberdade, de alargamento de uma esfera pública comunicativa.

Nesse sentido, cabe lembrar o que diz David Harvey a propósito do direito à cidade. A seu ver, reivindicar esse direito não quer dizer ater-se, exclusivamente, ao que já está estabelecido. “O direito à cidade .... não é apenas um direito condicional de acesso àquilo que já existe, mas sim um direito ativo de fazer a cidade diferente, de formá-la mais de acordo com nossas necessidades coletivas” (Harvey, 2013, p. 33).

O trabalho de extensão/pesquisa que desenvolvemos no bairro da Terra Firme e em outros bairros do chamado “arco periférico” da cidade de Belém, permite visualizar uma outra cidade se fazendo. Não a cidade das lógicas dominantes de ocupação e controle do seu solo e de seus fluxos, mas aquela que os desafia e que os enfrenta a partir de outra temporalidade. Uma cidade que se pensa e que se comunica a partir do lugar, o que transparece nesses trechos das entrevistas de Lília Melo e Francisco Batista, respectivamente:

*Eu acho bacana é que aqui a gente está voltando para a oralidade, isso é legal .... que no meio do boom da internet, tecnológico ...., por exemplo, esse fim de semana teve o mutirão para limpar a praça dos moradores aqui do Flora<sup>14</sup>, tinha o whatsapp, mas parece que faz mais efeito quando a gente bate lá na porta e diz “bora vizinho, bora vizinha”, funciona, mobiliza mais, então a gente está fazendo o caminho de volta .*

A juventude se comunica muito através das redes sociais, através do Facebook ...., mas também comunica no dia a dia, comunica falando, se reunindo na praça, mais especificamente na Terra Firme que é um espaço que polariza, digamos assim, tem um magnetismo, a juventude vai toda para praça, então ali também é um local de comunicação.

14 Conjunto de casa Flora Amazônica, na Terra Firme.

A oralidade, o encontro e a conversa na praça, embora cruzando-se com a comunicação das mídias móveis e das redes sociais, parecem assinalar um mecanismo de resistência, uma maior densidade das interações, das afinidades, da solidariedade social. Redes interpessoais que operam no lugar e não se rendem ao tempo veloz das redes tecnológicas ou, no mínimo, tiram proveito do uso combinado entre as duas formas de interação. As respectivas falas a seguir, de Ingrid Louzeiro e Francisco Batista, são muito eloquentes a esse respeito.

*Nós não vamos esperar tanto da mídia, né? Porque a mídia que está aí hoje não vai mostrar o lado que a periferia tem hoje em dia, mas se tu entrares na periferia tu vais ver como o processo do “Gueto” também está acontecendo. Tu vais ver várias ocupações. Tu vais ver capoeira, tu vais ver hip hop, tu vais ver música, tu vais ver esses processos que, sim, já somam na desconstrução<sup>15</sup> do bairro. E é só através dos movimentos sociais, através dessas mídias alternativas que a gente pode estar desconstruindo.*

*Nós temos que estabelecer essa relação de pertença porque nós fazemos parte dessa cidade, construímos a história dessa cidade, então não é o poder oficial, até mesmo a mídia comercial que vai mostrar a periferia. Nós é que vamos mostrar a nossa cara e dizer: Belém 400 anos sob o nosso olhar, sob o olhar do gueto, nós estamos aqui, vivemos e queremos também celebrar essa data tão importante para a cidade.*

Se pensarmos, com Milton Santos (2010, p. 593), a cidade como um grande sistema, em que se superpõem subsistemas diversos de cooperação que criam sub círculos diversos de solidariedade, poder-se-ia dizer que do gueto emerge uma forma peculiar – embora diversa nas suas manifestações, em diferentes lugares periféricos – e muito rica em significados de formas de cooperação e de solidariedade, que lhe confere competência para afrontar a ordem.

Inverte-se nesse sentido, uma forma de pensar durante séculos, de que os homens velozes detinham a inteligência do mundo. Santos (2010, p. 595) assinala que “agora estamos

descobrimos que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos”. A seu ver, os pobres estão provocando, no ambiente urbano, um debate novo, que às vezes é silencioso e, por vezes, é ruidoso, já que a sua própria condição de viver à margem das benesses da ordem urbana os coloca em condição de escapar do totalitarismo da racionalidade que rege essa ordem e das imagens que a ela correspondem. “Os ‘homens lentos’, para quem tais imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações” (Santos, p. 595). O movimento #Gueto 400, parece indicar que os “homens lentos” do arco periférico de Belém, ainda que lentamente, em vista das muitas pressões a que têm que fazer frente, começam a inverter as regras do jogo e a desmontar as fabulações do imaginário dominante.

## Referências

Agier, M. (2011). *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome.

Batista, F. (2015, 8 de outubro). Depoimento ao Projeto #OcupaBelém (vídeo, cartão digital.)

Brasil (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cidades@. Recuperado em 25 outubro, 2015, de <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150140>

\_\_\_\_\_. (2015). *Relatório de Indicadores Sociais do Cadastro Único e Programa Bolsa Família*. Brasília, Secretaria de Gestão de Informações do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (SAGI). Recuperado em 30 outubro, 2015, de <http://aplicacoes.mds.gov.br/sagiRlv3/geral/index.php>

Brito, R. S; Cal, D.G.R. & Costa, A.C.S (2014). Jovem de “periferia” como o outro na mídia: assimetrias e leituras dissonantes. *Animus Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 15(29), 87-105. ISSN 2175-4977. Recuperado em 01 junho, 2017, de <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/17880/pdf>

<sup>15</sup> “Desconstrução”, aqui, em relação à imagem do bairro que circula amplamente, por meio da grande mídia local, estigmatizando-o e reduzindo-o a um bairro “violento”.

\_\_\_\_\_. (2014) Jovens na enunciação midiática: dissimetrias, violência simbólica e leituras a contrapelo. *Anais do I Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica*. Belém: Universidade Federal do Pará. Recuperado em 01 junho, 2017 de <http://www.http://www.eavaam.com.br/anais/>

Cal, D. & Santos, B. (2015, janeiro-abril). Adolescentes infratores na cena pública: como os *media* alimentam o debate sobre a redução da maioridade penal. *Revista Contemporânea Comunicação e Cultura*, 13(1), 140-158. ISSN: 18099386.

Canclini, N. G. (2002). Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. Campinas-SP, *Opinião Pública*, 8(1), 40-53.

Cavalcante, A.B.; Silva, S. B e; Moraes, V. M.; Oliveira, L.H.; Lima, M. de N. S. de. (2006) *Terra Firme Digital: Proposta de implementação de um Bairro Digital para o território da Terra Firme em Belém do Pará*. In Rocha, C. (Org), *Anais do IV Simpósio Internacional de Inovação em Mídias Interativas*. Goiânia: Media Lab / Universidade Federal de Goiás.

Elias, N. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Gusmão, L. H. A. (2014). *Mapeamento dos homicídios por bairros de Belém em 2008-2009*. Recuperado em 21 outubro, 2015, de <http://www.geocartografiadigital.blogspot.com.br/2014/01/mapeamento-dos-homicidios-nos-bairros.html>

Harris, M.(2008). Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In C. Adams; R. Murrieta; W. Neves (Eds.), *Sociedades caboclas amazônicas* (2a ed.) (pp.81-108). São Paulo: Annablume Editora.

Harvey, D. (2013). A liberdade da cidade. In E. Maricato et al. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil* (pp. 27-40). São Paulo: Boitempo.

Louzeiro, I. (2015,8 de outubro). Depoimento ao Projeto #OcupaBelém (vídeo, cartão digital).

Melo, L. (2015, 8 de outubro). Depoimento ao Projeto #OcupaBelém (vídeo, cartão digital).

Santos, M. (2007). *O espaço do cidadão* (7a ed.). São Paulo: Edusp.

\_\_\_\_\_. (2010). O lugar e o cotidiano. In B. Santos & M. P. Meneses (Org.), *Epistemologias do Sul* (pp. 584-602). São Paulo: Cortez.

Santana, L. S. (2014). Geografia e violência na periferia de Belém: uso do território, produção do espaço e índices de homicídios nos bairros do Guamá, Terra-firme e Jurunas. *Anais do VI Congresso Ibero-americano de Estudos Territoriales Ambientales*. São Paulo, 08 a 12 de setembro, 2014. ISBN: 978-85-7506-232-6.

Simmel, G. (2005). As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana: Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 11(2), 577-591. Trabalho original publicado em 1903.

Steinbrenner, R.; Miranda, E. C.; Silva Junior, V. (2015). Memórias da/sobre a Periferia: A Busca de Novas Representações Midiáticas para os 400 Anos de Belém. *Anais do Colóquio Internacional sobre Mídia e Discurso na Amazônia*, 2. *Cidades, memórias e mediações*. Belém: Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://anaisdcima2015-artigos.blogspot.com.br/search/label/R>. Acesso em: 12 jun. 2017.

Waiselfisz, J. *Mapa da Violência 2014. Os jovens do Brasil*. Brasília, Secretaria-Geral da Presidência da República/ Secretaria Nacional da Juventude. Recuperado em 13 novembro, 2016, de [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)

---

**Referências das últimas cinco (05) publicações das autoras:**

Brito, R. S.; Cal, D.G.R. & Costa, A.C.S (2016). Jovem de “periferia” como o outro na mídia: assimetrias e leituras dissonantes. *Animus Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 15(29), 87-105. ISSN 2175-4977.

Brito, R.S. (2016). Narrativas virtuais juvenis: fronteiras fluidas entre o público, o privado e o íntimo. *Revista Contracampo*, v. 35, p. 13-32.

Brito, R.S. (2014). Jovens na enunciação midiática: dissimetrias, violência simbólica e leituras a contrapelo. *Anais do I Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica*. Belém: Universidade Federal do Pará.

Brito, R.S.; Santos, J. B.; Steinbrenner, R. A. (2013). Política, juventude e rede #vempruarua em Belém. *Anais do II Colóquio Semiótica das Mídias do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação-Ciseco*, v. 2, n. 1. Japaratina, AL: UFAL.

Brito, R.S. (2013). Estratégias de visibilidade e performatividade de jovens nas redes sociais. *Anais do I Colóquio Internacional Mídia e Discurso na Amazônia*, v.I. Belém: Universidade Federal do Pará.

BRITO, R.S. (2010). Mídia, construção do imaginário moderno e identidade no Brasil. In Otacílio Amaral Filho; Fábio Fonseca Castro; Netília Silva dos Anjos Seixas (Org.). *Pesquisa em comunicação na Amazônia* (1a ed), v. 1, p. 187-204. Belém: Fadesp.

Steinbrenner, R.M.A; Miranda, E. C.; Silva Junior, V. (2015). Memórias da/sobre a Periferia: A Busca de Novas Representações Midiáticas para os 400 Anos de Belém. In *Anais do Colóquio Internacional sobre Mídia e Discurso na Amazônia*, 2. *Cidades, memórias e mediações*. Belém, Belém: Universidade Federal do Pará.

Brito, R. de S.; Steinbrenner, R. M. A.; Martins, E. (2015) A voz que ecoa das bordas da cidade: representações de grupos periféricos, mídia e disputa de sentidos em Belém. *Anais do Seminário Internacional América Latina 2015*. Belém: NAEA/ Universidade Federal do Pará.

Steinbrenner, R.M.A.; Velloso, B. L.; Cunha, L. C. Da. (20015). Rádios comunitárias e desenvolvimento sustentável: mapa digital como prospecção de cenário da comunicação comunitária em áreas de conflito socioambiental na Amazônia. *Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Rio de Janeiro: Intercom/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Brito, R. de S.; Santos, J. B.; Steinbrenner, R. M. A. (2013). Política, juventude e rede #vempruarua em Belém. *Anais do II Colóquio Semiótica das Mídias do Ciseco*. v.2, n. 1. Japaratina, AL: UFAL. Japaratina/Alagoas.

Steinbrenner, R.M.A.(2013). Rádio União Comunitária Rurópolis: do pioneirismo à perda de identidade, um retrato dos dilemas de funcionamento e legitimidade de emissoras comunitárias. *Anais da IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e IV Conferência Sul Americana de Mídia Cidadã*. Curitiba, Paraná.

Martins, E; Palacios, M. (Org.) (2016) *Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo Vol. II – Aplicações*. Covilhã-Portugal:UBI / Livros Labcom.

Martins, E; Carvalho, J. (2016). Sem Censura Pará e a interatividade no ar: a participação do público no site e em redes sociais do programa. In E. Martins; M. Palacios (Org.) *Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo Vol. II – Aplicações* (pp.297-318). Covilhã-Portugal:UBI /LabCom.

Martins, E. (2015). Convergência e Narrativa Transmídia no Jornalismo: transformações nas práticas e no perfil dos profissionais. *Revista Brazilian Journalism Research*. SBPJor, 1(2),184-203.

Martins, E. (2015). Transmidialidade e anseios da cultura da convergência no GI Amapá. *Revista Comunicação Midiática – Programa de Pós Graduação em Comunicação da Unesp*. Bauru-SP, Faac-Unesp, 10 (3), 93-104.

Martins, E. (2015). Marcas da interatividade no jornalismo em dispositivos móveis. Um estudo sobre os apps para tablets e smartphones. In J. Canavilhas, J.; I. Satuf (Orgs) *Jornalismo para dispositivos móveis – Produção, distribuição e consumo* (pp.383-402). Covilhã-Portugal:UBI / Livros Labcom.

Martins, E. (2015). Narrativa transmídia no jornalismo amapaense: percepções e apropriações. In A. Sardinha; E. Martins (Orgs.) *Interfaces Midiáticas na Amazônia – pesquisas, saberes e vivências*, (156-179). Rio de Janeiro: Autografia / EdUNIFAP .